

CORREIO ECONÔMICO

POR MARCELLO SIGWALT

Marcelo Camargo - Agência Brasil



Receitas de fontes limpas e de negócios ESG dão a liderança

Banco do Brasil é a empresa mais sustentável do país

O Banco do Brasil foi a empresa brasileira mais bem colocada no ranking Clean200, que compila as 200 empresas de capital aberto que mais geram receitas provenientes de fontes limpas e de negócios ESG (sigla em inglês para boas práticas ambientais, sociais e de governança) em todo o mundo. O ranking é compilado pela empresa canadense Corporate Knights e pela organiza-

ção sem fins lucrativos As You Sow.

O BB ocupa a 37ª posição no levantamento e foi o banco melhor colocado. Além do banco público, outras sete empresas brasileiras se classificaram: Cemig (40º), Neonenergia (42º), CPFL Energia (51º), Copel (96º), Coelba (140º), Sabesp (155º) e Engie (161º). A 1ª colocada no ranking é a americana Apple.

Êxito

Resultado de um trabalho exitoso, em janeiro, a Corporate Knights elencou o BB como o mais sustentável do mundo pela sexta vez. O vice-presidente de Negócios Governo e Sustentabilidade Empresarial do banco, José Ricardo Sasseron, afirma que estes e outros prêmios reforçam a atuação.

Segurança

“Este reconhecimento, aliado aos nossos projetos de bioeconomia, metas de Desenvolvimento Sustentável (SDG), carteira de crédito sustentável e investimentos em energia renovável, acrescenta segurança tanto ao investidor quanto ao mercado”, afirmou Sasseron.



Divulgação

No 1º bimestre do ano, foram produzidas 342,8 mil motos

Produção de motos tem alta anual de 25,8% em fevereiro

A produção de motos teve crescimento de 25,8% em fevereiro, frente ao mesmo mês do ano passado, chegando a 176,7 mil unidades. Na comparação com janeiro, a alta foi de 6,4%. O balanço foi divulgado nesta quinta-feira, 13, pela Abra-ciclo, entidade que representa as montadoras de motocicletas.

Nos dois primeiros meses do ano, foram produzidas 342,8 mil motos, um crescimento anual de 21,7%. O presidente da Abra-ciclo, Marcos Bento, atribuiu o desempenho ao planejamento estratégico das montadoras, que se preparam melhor para as dificuldades do transporte de cargas durante a seca na região.

Capacidade

Bento destaca a maior capacidade de produção do setor para atender a demanda, puxada pelos serviços de entrega (delivery) e pela busca do consumidor por veículos mais baratos e econômicos. A Abra-ciclo prevê, em 2025, alta de 7,5% da produção (1,88 milhão de motos).

Queda

O dólar passou a tarde em ligeira baixa no mercado local e encerrou a sessão desta quinta-feira (13), em queda de 0,15%, a R\$ 5,8002.

Operadores atribuíram a leve apreciação do real à entrada de recursos externos para renda fixa e ações domésticas.

Avanço

As vendas de motos, de 156 mil unidades no mês passado, subiram 14,4% frente a fevereiro de 2024 e 2,6% na comparação com janeiro.

Com isso, o volume no primeiro bimestre chegou a 308 mil motocicletas, alta de 10,1% em relação aos dois primeiros meses do ano passado.

Termômetro

Termômetro do comportamento do dólar em relação a uma cesta de seis divisas fortes, o índice DXY subiu cerca de 0,20% no fim da tarde, ao redor dos 103,800 pontos, após máxima aos 104,080 pontos. A moeda ianque perdeu força na comparação com pares do real.

Após estabilidade, serviços têm recuo de 0,2% em janeiro

No comparativo anual, o indicador cresce 1,6% e 2,9%, em 12 meses

Por Marcello Sigwalt

Após ficar estável (0,0%) em dezembro, o volume de serviços recuou 0,2% em janeiro último. Já em relação a igual mês de 2024, o setor subiu 1,6%, o que configura a décima alta consecutiva do indicador, com variação acumulada de 2,9% nos últimos 12 meses, abaixo da registrada em dezembro de 2024 (3,2%).

De acordo com dados da Pesquisa Mensal de Serviços (PMS), divulgada nesta quinta-feira (13), pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), a variação negativa do primeiro mês do ano sofreu maior influência dos serviços de transportes, que ‘tomaram’ 1,8%, no mesmo comparativo mensal, com destaque para as taxas negativas dos segmentos: dutoviário, aéreo, rodoviário coletivo de passageiros, ferroviário de cargas e correio.

Também negativos foram os desempenhos dos serviços prestados às famílias (-2,4%) e os profissionais, administrativos e complementares (-0,5%).



Helena Pontes - IBGE

Viés declinante dos serviços reflete política de aperto monetário, comandada pelo BC

Enquanto o primeiro eliminou parte do ganho de 7,0% acumulado entre maio e dezembro de 2024, e o último teve a terceira retração seguida, com perda de 3,7% nesse intervalo.

Segundo o gerente da pesquisa, Rodrigo Lobo, “após alcançar o ápice de sua série histórica em outubro de 2024, o setor de serviços apresentou

duas taxas negativas e uma estabilidade nos últimos três meses. Nesse período, acumulou perda de 1,1%, que pode ser explicada pela alta margem de comparação. Em janeiro, três das cinco atividades investigadas mostraram resultados negativos e, apesar da variação negativa, o desempenho do setor de serviços ficou próximo da estabilidade”.

Maior impacto negativo de janeiro, o setor de transportes recuou 1,8%. “Houve quedas importantes no transporte dutoviário, com perda de receita de empresas desse segmento, no transporte aéreo, no transporte rodoviário coletivo de passageiros, no transporte ferroviário de cargas e na atividade de correio”, concluiu Lobo.

País colherá safra de 323 mi de toneladas

A safra brasileira de cereais, leguminosas e oleaginosas deve alcançar um recorde de 323,8 milhões de toneladas em 2025, de acordo com a estimativa de fevereiro do Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA), divulgado hoje (13) pelo IBGE.

Este resultado é 10,6%, ou 31,1 milhões de toneladas, maior do que a safra obtida em 2024 (292,7 milhões de toneladas) e 0,5% menor (1,6 milhão

de toneladas) do que a estimativa de janeiro de 2025.

A área a ser colhida deve ser de 81,0 milhões de hectares, um aumento de 2,4% frente à área colhida em 2024 (1,9 milhão de hectares a mais). Em relação ao mês anterior, a área a ser colhida aumentou em 28.921 hectares (0,0%).

Em relação à produção, algodão e soja devem bater recordes em 2025.

A estimativa para a produ-

ção de algodão é de 9,0 milhões de toneladas, um acréscimo de 1,8% em relação à safra de 2024 e um acréscimo de 0,2% (19.979 toneladas) com relação ao mês de janeiro. Enquanto a soja registrou aumento de 13,4% em comparação à safra do ano passado, chegando a 164,4 milhões de toneladas.

Em relação a janeiro, houve um declínio de 1,3% ou 2,2 milhões de toneladas. Quanto ao milho, a estimativa da produ-

ção foi de 124,8 milhões de toneladas, crescimento de 0,5% em relação a estimativa do mês anterior (janeiro) e de 8,8% em relação ao volume produzido em 2024.

O gerente da pesquisa, Carlos Barradas, explicou a queda da estimativa da soja de janeiro para fevereiro. “Houve perdas registradas no estado do Rio Grande do Sul, por conta da falta de chuvas neste início de ano”, concluiu.

Economia mundial em queda afeta Brasil

Adobe Stock

A economia mundial caminha para uma desaceleração com prejuízos generalizados, e o Brasil não é uma exceção, com o País provavelmente tendo perdas por conta da preocupação excessiva do presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, sobre o aço. Além disso, o juro alto, a inflação resistente e o contexto de disputa presidencial que já se desenha para as eleições de 2026 complicam o quadro para o País, na avaliação de economistas do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (Ibre/FGV) no I Seminário de Análise Conjuntural, realizado pelo Ibre/FGV e pelo Estadão, nesta quinta-feira, 13.

Para o chefe do Centro de Estudos Monetários do Ibre/FGV, José Júlio Senna, a chance de que Trump alcance o objetivo de “fazer a América grande novamente”, girando em torno da perspectiva de reconstrução



Febre protecionista global de Trump deve prejudicar o país

da indústria americana, “é quase zero, mínima realmente”. “É até curioso, porque no mundo inteiro o segmento industrial destruiu empregos”, afirmou.

Ele ressaltou que os indicadores dos primeiros meses de governo Trump já mostram uma desconfiança maior. “O

acordo comercial entre Canadá, México e EUA foi negociado pelo próprio Trump na sua primeira administração, então ele mesmo assume e desfaz: como você vai confiar num país desse tipo?”, questionou.

Senna avaliou que a tributação “excepcional” sobre aço e

alumínio vem do pensamento de uma frase do próprio Trump de que o “país que não tem aço não é país”. Assim, o presidente quer produzir aço dentro dos EUA, “o que é uma visão estreita em uma situação que poderia ser resolvida de outra maneira”.

Enquanto isso, no Brasil, o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) mostra uma inflação “super resistente”, o que indica um “momento desafiante para a política econômica”. Contudo, os objetivos políticos estão vindo na contramão do que a gestão de uma política econômica recomendaria, na avaliação de Armando Castelar, pesquisador associado do Ibre/FGV.

“Há um processo de desaceleração que até certo ponto surpreendeu. Os primeiros dados do PIB estão vindo relativamente fracos. Já a inflação segue resistente nos últimos 12 meses”, concluiu Castelar.

Leilão do Tesouro ‘tomba’ futuros

Os juros futuros intermediários e longos cedem mais de 10 pontos-base no período da tarde desta quinta-feira (13).

O ponto principal segue sendo o fechamento da curva dos Treasuries, mas a desmontagem de algumas posições de hedge após o Tesouro Nacional vender 27 milhões de LTNs, maior lote desde 10 de dezembro de 2020, dá ainda mais fôlego para o movimento. O volume de serviços também mostrou a

terceira queda mensal do indicador, mas a ponta curta seguiu resistente.

Por volta das 17h20, a taxa de depósito interfinanceiro (DI) para janeiro de 2026 marcava 14,715%, de 14,722% no ajuste anterior. O DI para janeiro de 2027 recuava a 14,475%, de 14,601%, e o para janeiro de 2029 caía para 14,390%, de 14,582% no ajuste anterior.

A queda dos juros dos Treasuries orienta a curva local des-

cedo. Contudo, no período da tarde as taxas médias e longas renovaram mínimas.

O economista-chefe da Ativa Investimentos, Étore Sanchez, aponta que a curva pode estar aliviando por um movimento técnico do mercado após o leilão do Tesouro Nacional, que assustou parte dos operadores. “O DI reagiu fortemente mais cedo, sugerindo que o mercado absorveu o risco dos títulos. Mas zerou boa

parte, se não tudo, o que conseguiremos ver apenas amanhã com os dados da B3”, afirma.

A menos de uma semana da decisão do Copom, o vértice mais curto dos DIIs não teve uma queda tão expressiva. O mercado prevê com unanimidade alta de 1 ponto porcentual na Selic em março, segundo o Projeções Broadcast.

O maior nível do aperto monetário deve ocorrer em junho, com Selic a 15%.